

Representações sociais do trabalho de arte: partilha de valores

(Social representations of the art work: sharing of values)

Eliana Vasconcelos da Silva Esvael¹

¹Grupo de Pesquisa Práticas de leitura e escrita em português língua materna – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP)

elianaesvael@usp.br

Abstract: Based on the enunciative and discursive perspectives, this paper aims to study in the writing of students who are going to take the exam for college entrance the social representations of the art work in order to understand how these representations are articulated with the construction of points of view in the text. As a specific objective, we intend to investigate in this articulation, the manifestation of social representations of art work, from the analysis of qualifications, especially adjectives, seen as argumentative strategies adopted by the subject to direct their positions in the text.

Keywords: Social representations of the art work; construction of points of view; vestibular's essays.

Resumo: Partindo da perspectiva enunciativo-discursiva, este artigo tem por objetivo geral estudar as representações sociais presentes na escrita de estudantes pré-universitários, a fim de compreender como essas representações se articulam com a construção do ponto de vista dominante no texto. Como objetivo específico, pretende-se investigar, nessa articulação, a manifestação das representações sociais do trabalho de arte, a partir da análise de elementos qualificadores, principalmente as adjetivações, vistas como estratégias argumentativas adotadas pelo escrevente para direcionar seus posicionamentos no texto.

Palavras-chave: representações sociais do trabalho de arte; construção de pontos de vista, escrita de pré-universitários.

Introdução

Neste artigo preocupo-me com as relações do escrevente com a sua escrita, melhor ainda, com as suas representações da escrita. O objetivo geral é o de estudar as representações sociais presentes na escrita de estudantes pré-universitários, em redações de vestibular, a fim de compreender como essas representações se articulam com a construção do ponto de vista dominante (doravante PDVD) no texto. Como objetivo específico, pretendo investigar, nessa articulação, a manifestação das representações sociais do trabalho de arte, a partir da análise de elementos qualificadores, principalmente as adjetivações, vistas como estratégias argumentativas adotadas pelo escrevente para direcionar seus posicionamentos no texto. A manifestação dessas representações é analisada à luz da Análise do Discurso, destacando as determinações das condições de produção (PÊCHEUX, 1990) das redações de vestibular do exame da Fuvest.¹ Trata-se de analisar o trabalho do escrevente com o seu texto e com as imagens que ele faz da escrita, de seu interlocutor e de seu objeto de discurso, para ir ao encontro das suas representações e das valorações a elas relacionadas.

¹ Fundação Universitária para o Vestibular; entidade responsável pela realização do exame vestibular da Universidade de São Paulo-USP.

O objetivo geral é o de estudar as representações sociais presentes na escrita de estudantes pré-universitários, ou seja, em redações de vestibular, a fim de compreender como essas representações se articulam com a construção do ponto de vista dominante no texto. Como objetivo específico, pretendo investigar, nessa articulação, a manifestação das representações sociais do trabalho de arte, a partir da análise de elementos qualificadores, principalmente as adjetivações, vistas como estratégias argumentativas adotadas pelo escrevente para direcionar seus posicionamentos no texto.

As representações sociais são fortemente determinadas pelas condições de produção do discurso do escrevente. Elas são carregadas de valores que ele compartilha, mais imediatamente, com seu interlocutor presumido, a banca corretora do exame de redação. Ainda há, entretanto, o presumido social (BAKHTIN, 1926), que envolve diferentes diálogos não só com os interlocutores previstos nessa situação de enunciação, a do exame vestibular, como também com os já-ditos, os já-enunciados. Para analisar as representações sociais do trabalho de arte, parto da noção de dialogismo (BAKHTIN, 1986, 1992) e de ponto de vista (doravante PDV) (RABATEL, 2004, 2005), para observar o comportamento dos elementos qualificadores em um gênero discursivo (cf. BAKHTIN, 1992) produzido em condições tão restritas como a de um exame vestibular. Assim, ao depreender as representações sociais do trabalho de arte por meio dos elementos qualificadores, pode-se chegar a resultados significativos, facilitando a vinculação dessas representações à construção de PDVs e, especificamente, à do PDVD no texto.

A redação do vestibular da Fuvest

O material que gerou o *corpus* é composto por redações do exame vestibular da Fuvest do ano de 2006. São 270 redações oriundas da capital, litoral e interior de São Paulo, que foram selecionadas (aleatoriamente) e cedidas pela Fuvest. O exame vestibular é um evento singular da instituição escolar e marca um episódio importante da vida do estudante: o acesso ao ensino superior. Em se tratando do vestibular da Fuvest, é ainda mais marcado porque regula o acesso a uma universidade pública considerada de boa qualidade no Brasil. A Fuvest tem por tradição, solicitar um texto com características dissertativas, isto é, um texto em que se deve apresentar um posicionamento do escrevente ao dissertar sobre o tema dado pela prova.

É comum nas provas de redação da Fuvest² a apresentação, ao candidato, de uma coletânea de textos (verbais ou não), para que ele a tenha como ponto de partida para firmar posicionamentos diante das opiniões nela expressas. O uso de coletânea tem por objetivo oferecer informações a respeito do tema dado, ao mesmo tempo em que pode facilitar o início de um debate, uma vez que, normalmente, ela é composta por textos com perspectivas diferentes sobre o tema dado. No ano de 2006, o tema dos três fragmentos de textos que compunham a coletânea versou sobre “o trabalho”. O terceiro fragmento tratou especificamente do trabalho de arte:

Texto 3

O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida. Em 1501, Michelangelo retorna de viagem a Florença e concentra seu trabalho artístico em um grande bloco de mármore abandonado. Quatro anos mais tarde fica pronta a escultura “David”.

Adaptado de *site* da internet. (FUVEST, 2006)

² A prova de redação da Fuvest encontra-se no anexo.

Destaco do terceiro fragmento, que está acompanhado da imagem “Davi”, de Michelangelo (cf. Anexo 1), a definição do trabalho de arte, visto, na coletânea, como “processo” e como “resultado de uma vida”. A abordagem do trabalho de arte pelo escrevente, o vestibulando, apresentou-se de diferentes modos, resultando na construção de diferentes representações sociais do trabalho de arte, meu objeto de análise nesse artigo. Além da coletânea, havia também uma instrução, orientando o candidato a relacionar os três textos e outros aspectos que julgasse pertinente para produzir sua redação.

O material foi analisado sob duas perspectivas: a enunciativa e a discursiva. A enunciativa é baseada nos estudos da teoria enunciativa da linguagem, principalmente, nos estudos que tratam da dimensão dialógica da linguagem (BAKHTIN, 1986). E nos estudos de Rabatel, que trata da construção textual do PDV. A perspectiva enunciativa permite revelar a dimensão dialógica dos modos de inscrição do sujeito em seu texto e o modo como esse sujeito inscreve seu *Outro* (AUTHIER-REVUZ, 1990). A perspectiva discursiva baseia-se nos postulados da Análise do Discurso, considerando a historicidade do gênero estudado, a redação de vestibular, concebido como prática social e discursiva. Essa perspectiva permite analisar o discurso argumentativo escrito, observando como as diferentes representações dos escreventes sobre o trabalho de arte inscrevem-se no gênero estudado, em função das condições de produção desse gênero. A partir dessas perspectivas, que constituem a natureza heterogênea e dialógica da linguagem, identificam-se os posicionamentos enunciativos do escrevente e seus desdobramentos discursivos.

A redação de vestibular e a dimensão enunciativo-discursiva

Situar a *redação de vestibular* na dimensão enunciativo-discursiva é considerá-la portadora de diferentes enunciadores, de diferentes posições enunciativas derivadas de lugares sociais, bem como portadora de diferentes discursos num contexto histórico determinado. Nessa perspectiva, busco as noções de locutor, enunciador e de PDV, que se desdobram em efeitos discursivos na construção de sentidos. Ducrot (1987), em sua teoria polifônica, diferencia essas noções: a noção de Locutor está organizada em três dimensões, o sujeito empírico – o falante –; o locutor enquanto *ser do mundo* (λ) – o responsável pelo dizer, responsável pela enunciação, fonte do discurso – e o locutor como tal (L), a ficção discursiva ou *ser do discurso*, a ele se referem as marcas de primeira pessoa do discurso. Para o autor, o enunciador é a origem das posições tomadas no fio do discurso, é a expressão do PDV, ou seja, é aquele que dá orientação argumentativa ao enunciado. Ducrot não se refere a apenas um enunciador, uma vez que sua teoria contesta a unicidade do sujeito (se opondo, quanto a isso, a Benveniste), mas a vários enunciadores postos em cena pelo locutor, exatamente para compor uma argumentação direcionada por meio de posicionamentos. Assim, enunciadores são as vozes do enunciado, que também constituem o seu sentido:

O sentido do enunciado, na representação que ele dá da enunciação, pode fazer surgir aí vozes que não são as de um locutor. Chamo “enunciadores” estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles ‘falam’ é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras. (DUCROT, 1987, p. 192)

É esse sentido que busco em Ducrot: os enunciadores são os PDVs representados no enunciado e é o locutor o responsável por organizar essas vozes. Para o autor, Locutor é também aquele que se responsabiliza pelo dizer: “alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado” (DUCROT, 1987, p. 182). Esse locutor assume, em seu enunciado, posições enunciativas que se desdobram em movimentos discursivos. A polifonia linguística em que o autor distingue enunciado de enunciação, isto é, o dito e o dizer, remete à discussão das funções enunciativas e discursivas marcadas no enunciado. Trata-se, nesse sentido, de olhar não para o que o locutor diz, mas para o modo como ele diz o que diz. Trata-se de observar sua percepção sobre determinado objeto e como a argumentação é construída sob esse olhar.

Uma ressalva é importante quanto ao que o autor afirma sobre o sentido do enunciado: Ducrot, diferentemente de minha posição, deixa de fora da construção do sentido a alteridade, o *outro*. Para ele, o sentido é posto no próprio enunciado, assim como afirma que a argumentação está na língua. O que, a meu ver, transparece nessas afirmações é a negação da historicidade, elemento importante da constituição de um gênero discursivo e da construção de sentidos do enunciado, que acontecem exatamente no espaço de interação em que os sujeitos, o *um* e o *outro*, se constituem. Dessa interação nasce o caráter responsivo-ativo de todo enunciado (BAKHTIN, 1992), forma de se retomar o processo sócio-histórico de constituição de todo gênero. Destaco, de Ducrot (1987), os conceitos de locutor e de enunciador, bem como a hierarquização de enunciadores introduzidos no enunciado pelo locutor, relacionado ao mecanismo da autoridade polifônica, isto é, um locutor põe em cena, no discurso, PDVs que podem ser tanto dele próprio quanto de outros: enunciadores ou o do próprio alocutário.

Como disse anteriormente, o autor diferencia locutor em três dimensões: o sujeito falante, o locutor como tal e o locutor como ser do mundo. Ducrot não se detém na primeira dimensão, a do sujeito empírico, ele centraliza a sua discussão na distinção entre locutor como tal e locutor ser do mundo. Essas distinções são tomadas no próprio enunciado, o que equivale a dizer que elas não dizem respeito ao exterior do enunciado, ou seja, ao extralinguístico; o autor se prende aos aspectos internos ao enunciado. Vale salientar, uma vez mais, que se tomo como uma das bases de análise a perspectiva enunciativa, não posso conceber o enunciado como neutro, porque ele se constitui na relação com a enunciação e por meio de um gênero discursivo. Nesse sentido, concebo o PDV como extrapolando o domínio do *enunciado* tal como concebido por Ducrot (1987), para chegar ao domínio do *enunciado concreto*, ligado ao gênero (BAKHTIN, 1992). Em outras palavras, é olhar para as redações como gênero, constituído de elementos internos, seu enunciado, e de elementos externos, sua enunciação, ambos condicionados ao contexto sócio-histórico de produção, o exame vestibular. Por isso, tomo Ducrot (1987) como ferramenta de análise.

Considerando a perspectiva adotada, saliento que a análise do gênero *redação de vestibular* tem um caráter imediato, caracterizado pelo olhar voltado para a superfície textual; e um caráter menos imediato, aquele por meio do qual se analisa o gênero como uma prática social e discursiva, ou seja, considerando seu caráter histórico de constituição. Contando com essa historicidade do gênero, a Análise do Discurso (cf. BRANDÃO, 1997; MAINGUENEAU, 2004, 2008, dentre outros) permite observar a produção textual da *redação de vestibular* a partir dos movimentos enunciativos e discursivos nela presentes.

A escrita, enquanto processo, remete à ação, movimento e compreende negociações discursivas, num processo de interação. O processo de escrita no vestibular

implica jogo tenso de interação, em que o escrevente negocia o tempo todo com seu interlocutor. Circunscrever o gênero *redação de vestibular* no contexto teórico da Análise do Discurso significa, dentre outras coisas, estudar os papéis discursivos de seus interlocutores. É discutir as estratégias discursivas utilizadas pelos escreventes para construir PDVs, mobilizando seus saberes, transformando-os linguisticamente num enunciado, organizando-os em um gênero. Ou seja, o seu saber é materializado linguisticamente por meio de sequências textuais próprias do gênero que está em construção. Os movimentos discursivos são constituídos pelo caráter argumentativo inerente ao próprio gênero estudado.

Considero, assim, que o gênero *redação de vestibular* comporta uma dimensão argumentativa que pode ser tratada pela Análise do Discurso, o que permitiria ver a argumentação não só como uma das funções da língua, mas também sob a manifestação da exterioridade que penetra no discurso, favorecendo a busca do(s) sentido(s) do enunciado a partir da orientação argumentativa construída pelo escrevente em sua resposta a um interlocutor e a outros enunciados, considerando o caráter de réplica de todo enunciado, uma vez que, segundo Bakhtin (1986) não há enunciado fora da dimensão dialógica da linguagem. O dialogismo configura-se na relação entre o *eu* e o *outro*. O sujeito é construído nessa fronteira. Essa construção se dá num espaço social, num determinado tempo e sob condições específicas que são bem determinadas na situação de enunciação da *redação de vestibular*, que se realiza no curso mesmo da comunicação verbal. O autor salienta que, por esse fato, a situação de enunciação determina as dimensões e as formas da enunciação (1986, p. 125). O próprio gênero também se configura sob essas condições, como também configura a enunciação. Por conta disso, o valor ideológico das enunciações evidencia o aspecto histórico e social que está presente na linguagem e se manifesta linguisticamente nos enunciados das redações.

Desse modo, depreender as representações sociais presentes nas redações e o modo como se articulam com a construção de PDVs exige um olhar para o todo do enunciado, isto é, olhar para cada uma das dimensões do gênero não de forma pontual e isolada, mas na relação entre elas. Assim, a análise não busca, por exemplo, operadores textuais ou dêiticos de pessoa, tempo e lugar isoladamente, mas considera a importância deles para a depreensão das representações ali presentes e sua vinculação com as adjetivações, vistas como estratégias argumentativas. As adjetivações funcionam como recursos delimitadores dos PDVs, uma vez que direcionam a construção de PDVs e do PDVD, ou seja, é possível localizar e descrever as posições enunciativo-discursivas do escrevente na depreensão dessas representações. A ideia é caracterizar as adjetivações em seus aspectos enunciativos e discursivos com a finalidade de não só depreender as representações sociais do trabalho de arte, mas descrever os modos de construção de PDVs, para elucidação do funcionamento discursivo do gênero estudado. São estas pistas que guiarão minha análise.

A redação de vestibular e a construção de pontos de vista

A construção de PDVs, nessa perspectiva, toma o dialogismo como ponto de partida para a análise dos enunciados das redações, o que impõe, no plano enunciativo-discursivo, considerar as relações dialógicas em mais de um eixo, isto é, o interlocutivo, em que é fundamental o papel social dos interlocutores que se materializa no enunciado

por meio da polifonia; e o interdiscursivo, que, fundamentando-se no já-dito, determina que a assunção do discurso se dê no ponto – necessário – de sua articulação com outros discursos. Esses aspectos corroboram a afirmação de Bakhtin (1986) de que o dialogismo é constitutivo da linguagem e do sentido do enunciado.

A linguagem é, pois, um fenômeno social e, como tal, compreende a construção do sujeito como ser histórico carregado de ideologias. Linguagem e sujeito estão entrelaçados. Ao se constituir como sujeito, o escrevente toma para si uma voz dominante, que se destaca em relação às demais presentes no enunciado. Essa voz dominante é assumida pelo escrevente na interrelação com seu interlocutor e deixa, no texto, traços da situação de enunciação, do gênero e do discurso. Não são vozes (PDVs) apenas de quem fala, literalmente, mas vozes sociais. As “posições enunciativas” são, então, posições sociais: ao enunciar, assume-se “uma posição social ativa com respeito a certos valores específicos e esta posição é condicionada pelas próprias bases da existência social” (VOLOCHINOV [BAKHTIN], s/d [1926], p. 9). A enunciação constitui-se, pois, nas situações concretas de usos da língua e na relação social com suas respectivas hierarquias, condicionando as escolhas do escrevente. Por isso, a escolha dos certos recursos lexicais (como é o caso das adjetivações) vai depender da esfera na qual o enunciado está inserido (BAKHTIN, 1992). Os elementos que sustentam essas escolhas também evidenciam o caráter dialógico da linguagem, pois o escrevente faz suas escolhas não individualmente, mas em função do *outro* e na interação. Analisar a escrita em seus aspectos dialógicos é, pois, pensar no modo de incorporação desses elementos no gênero estudado.

Diante do exposto, há que se considerar o gênero *redação de vestibular* constituído como prática discursiva e em consonância com a heterogeneidade que o constitui. Pensá-lo dessa maneira, pressupõe estudar as particularidades de seus diálogos-respostas, suas réplicas, considerando o diálogo com os fragmentos da coletânea, com os autores desses fragmentos, bem como com outros discursos, numa relação de interdiscursividade. O gênero *redação de vestibular* é uma prática discursiva e, por isso, carrega em si crenças, valores sociais e culturais do grupo ao qual pertence seu escrevente. Em outras palavras, o discurso é o lugar da manifestação de posicionamentos do sujeito. No espaço do discurso, manifesta-se a multiplicidade de vozes que encenam diferentes “posturas enunciativas” (MAINGUENEAU, 2004,) abertas à constituição do escrevente. Esses lugares discursivos são passíveis de observações de elementos concernentes ao escrevente, bem como da permeabilidade dos discursos e saberes que os contornam. A permeabilidade dos discursos está inscrita nos enunciados de diferentes maneiras, algumas mostradas e marcadas, outras mostradas e não-marcadas (AUTHIER-REVUZ, 1990). O discurso caracteriza-se, assim, pelo princípio dialógico da linguagem (BAKHTIN, 1986, 1992) e, nesse sentido, ele é duplamente dialógico porque se inscreve e se circunscreve em outros discursos.

Para Brandão (1997, p. 71) é a heterogeneidade que liga de maneira constitutiva o *Mesmo* do discurso com o seu *Outro* ou, em outras palavras, que permite a inscrição no discurso daquilo que se costuma chamar seu “exterior”. Essa característica do discurso é pertinente para a análise das redações, uma vez que os enunciados nelas registrados são sempre respostas a outros enunciados, outros discursos. No que se refere à *redação de vestibular*, são respostas aos textos da coletânea fornecida na prova de redação e, também, a outros enunciados, outros discursos. Essa exterioridade que constitui o discurso o torna complexo, na medida em que se deve analisá-lo considerando sua historicidade.

Os sentidos de um discurso são construídos nessa historicidade e, a partir dela, ele se materializa, marcando as *formações discursivas* das quais o sujeito enuncia. Formação discursiva entendida não como um espaço fechado, apenas determinando “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1997, p. 160) e controlando o sentido desse dizer, mas como um espaço aberto em que circulam outras formações discursivas, um espaço sem fronteiras, sujeito à dispersão. A formação discursiva está aberta para a circulação de discursos e, por isso, ela é “efeito da interdiscursividade” e se apresenta “como um domínio aberto e inconsciente e não como um domínio estável” (BRANDÃO, 1997, p. 74).

O sujeito enuncia em relação a outros discursos e assume posições em relação a outras posições; posições que são histórica e socialmente constituídas; por isso, o sujeito enuncia a partir de lugares sociais, confluindo língua, sujeito e história. Há, nesse sentido, uma busca pela heterogeneidade enunciativa que Pêcheux (1990b, p. 316) tratou por “formas linguístico discursivas do *discurso-outro*”, isto é, “o discurso do outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro”. É nesse sentido que as posições assumidas pelo sujeito são também determinadas pelas condições de produção do discurso concebidas, neste trabalho, não apenas como a situação imediata de enunciação, mas também com elementos que ligam a história e a língua, isto é, as representações do sujeito (PÊCHEUX, 1990a, p. 171). Em outras palavras, são “o contexto sócio-histórico, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si e do outro e do referente” (BRANDÃO, 1997, p. 89).

Desse modo, tratar do fenômeno da construção de PDVs é igualmente tratar de dialogismo e de heterogeneidade. Na construção de PDVs, então, essas noções podem ser tomadas como sinônimas na compreensão da multiplicidade de vozes presentes nos enunciados e da tomada de posição pelo escrevente. Além disso, há que se considerar que essa tomada de posições também é resultado do cruzamento de discursos, isto é, do interdiscurso. As posições enunciativas estabelecem certa hierarquização de enunciadores – PDVs – que se desdobram discursivamente ao construir um enunciado argumentativo. É nesse sentido que assumo a noção de PDV, a mesma trazida de Rabatel (2004). Para o autor, PDVs são posturas enunciativas que se marcam no texto tanto na diversidade de PDVs quanto em suas hierarquizações. Assumo que os PDVs não se confundem com as posições do sujeito falante, são vozes sociais presentes no enunciado. O autor, ao tratar do “apagamento enunciativo”, no discurso citante e discurso citado, estabelece três posturas enunciativas que entram em jogo na construção interacional de PDVs: coenunciação, subenunciação e sobreenunciação. São essas posturas que me interessam nele. Assim, para Rabatel (2004, p. 9-10), a coenunciação “corresponde à coprodução de um ponto de vista comum e dividido”, é a coincidência de posturas; a subenunciação “remete à expressão interacional de um ponto de vista dominado, em proveito de um sobreenunciador”; e a sobre enunciação é definida como “a expressão interacional de um ponto de vista sobreposto cujo caráter dominante é reconhecido por outros enunciadores”, isto é, a dominação de um PDV sobre outro.

Neste trabalho, defendo que a dominância pode ser detectada por meio da adjetivação articulada com a mobilização de saberes, isto é, pelo modo de qualificar e pelo tipo de saber que é mobilizado e de onde ele é mobilizado para fazer valer o posicionamento do escrevente. Há três movimentos possíveis de posicionamentos. O escrevente, para validar seu posicionamento, busca, na própria coletânea e fora dela, saberes de autorida-

de para: (1) solidarizar-se a ele; (2) refutá-lo; ou (3) não se posicionar diante dele. Esses movimentos de posicionamentos que remetem ao que estou chamando de construção de PDVs são constituídos no enunciado, numa relação dialógica, ou seja, de interação do escrevente em diferentes aspectos: interação entre escrevente e texto, entre escrevente e seu *outro* e entre discursos. Dessa interação resultam representações do escrevente, que constrói uma imagem de si e uma imagem do outro, seu interlocutor; uma imagem que o outro vê de si, ou que quer que dele seja vista. Na construção dessas imagens o escrevente assume determinadas posições, PDVs. A construção do PDVD, na organização textual dos enunciados, é moldada a partir dessas representações, que são mediadas pelas condições de produção, ou seja, pela dimensão social do enunciado e pelo caráter histórico das práticas discursivas.

Valores e crenças na redação de vestibular: a representação social do trabalho de arte

Serão analisados, na perspectiva enunciativo-discursiva, elementos da qualificação, isto é, as adjetivações, mas sempre aquelas tomadas como de maior relevância para evidenciar as representações sociais do trabalho de arte e sua articulação com a construção de PDVs. Destaco as vozes que falam nos enunciados, vistas como PDVs e que se mostram nos enunciados das redações como enunciadores que se hierarquizam para construir o PDVD. Esses enunciadores enunciam de algum lugar e num determinado momento e são importantes para se depreender, por meio de um *sobre-enunciador*, um discurso dominante, em que prevalece determinada representação social do trabalho de arte.

A representação social do trabalho de arte é compreendida a partir do diálogo do escrevente com o terceiro fragmento da coletânea. Esse diálogo sintetiza, de modo especial, a qualificação do trabalho e do trabalho de arte, uma vez que ele evidencia as representações do escrevente sobre a Universidade. A tabela (1) apresenta um panorama estatístico dos diálogos do escrevente com os três fragmentos da coletânea e com a instrução dada pela prova da Fuvest:

Tabela 1: diálogos do escrevente com os enunciados da prova de redação

Diálogos do escrevente	Quantidade de Redações e Porcentagem	
1º Fragmento	033	12,3%
2º Fragmento	066	24,5%
3º Fragmento	166	61,3%
Instrução	005	1,9%
TOTAL	270	100,0%

Os dados da Tabela 1 apontam para o majoritário diálogo do escrevente com o terceiro fragmento da coletânea. Esses diálogos caracterizam-se pela validação de posicionamentos do escrevente em relação aos PDV dos fragmentos da coletânea, no caso, com o PDV do terceiro fragmento. Os posicionamentos são construídos na *subenunciação*, na *coenunciação* ou na *sobre-enunciação* dos PDVs depreendidos dos enunciados fornecidos pela prova de redação. Na observação dessas construções, denota-se a *sobre-enunciação* de um PDV que valoriza o trabalho, de modo geral, e o de arte, especificamente, conforme demonstra a tabela (2):

Tabela 2: Posicionamentos do escrevente (PDVs) em relação aos PDVs presentes nos enunciados fornecidos pela prova de redação

Posicionamentos		Quantidade de Redações e Porcentagem		TOTAL
Valoração positiva do Trabalho	1S	032	11,9%	235 / 87,9 %
	2R	043	16,0%	
	3S	160	59,3%	
Valoração negativa do Trabalho	1R	001	0,4%	030 / 11,2 %
	2S	023	8,5%	
	3R	006	2,0%	
Instrução da Prova		005	1,9%	005 / 1,9 %
TOTAL		270	100,0%	270 / 100%

Legenda: S, solidarização com o PDV; R, recusa do PDV. As numerações 1, 2 e 3 referem-se aos respectivos fragmentos da coletânea. Assim, 3S é a solidarização com o PDV do terceiro fragmento; 3R é a recusa ao PDV do terceiro fragmento.

O terceiro fragmento da coletânea traz uma especificidade do trabalho, porque apresenta um tipo apenas, o de arte, que é valorizado já pelo enunciador da instrução da prova de redação pela adjetivação “famosa escultura”. Esse fragmento traz em seu texto também o aspecto da definição do trabalho de arte: “o trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida” (trecho do terceiro fragmento da coletânea). E para fortalecer esse argumento do processo e do resultado, o enunciador finaliza seu texto, apresentando o resultado do trabalho de Michelangelo, a escultura “David” (cf. anexo). Esse tom conceitual é retomado nas redações, mas agora num movimento comparativo entre os tipos de trabalho, isto é, o trabalho de modo geral e o trabalho de arte; este visto, às vezes, não somente como uma parte de um todo, mas exatamente como um todo quando, por exemplo, o escrevente afirma que todo trabalho deve ser como o de arte.

No exemplo (1),³ destaco a construção de representações sociais do trabalho, de modo geral, bem como do trabalho de arte, destacando as adjetivações:

- (1) **1º §** Desde os primórdios da civilização humana, [...] **da forma mais rudimentar** o ser humano já havia se sujeito ao trabalho.[...] essa **invenção histórica se tornou intrínseca** a nós.
- 2º §** [...] No decorrer da nossa história, observa-se a **exploração maciça** da mão-de-obra o que é **um equívoco terrível**, [...].
- 3º §** Ademais, podemos inspirarmo-nos no **trabalho artístico** no qual, muitas vezes **árido e sofrido**, há uma **entrega descompromissada** e uma **paixão propulsora** de toda a dedicação para a sua concretude. [...].
- 4º §** A rendição pelo trabalho talvez seja uma ilusão – se o considerarmos no contexto da exploração da mão-de-obra na atualidade. Porém o **trabalho artístico** pode levar-nos aos **mais belos prazeres** [...] (R079⁴, grifos meus).

No exemplo (1), o escrevente, ancorado na temporalidade do presente da enunciação, coloca em cena enunciadores que manifestam diferentes PDVs sobre o trabalho, introduzidos no texto pelas expressões temporais que anunciam a passagem do tempo – “desde os primórdios”, “no decorrer da nossa história” – até culminar no presente da

3 A Fuvest não autorizou a publicação integral dos textos, portanto em todos os exemplos há recortes.

4 Refere-se às redações do *corpus*, e 079, à numeração das redações, que abrange de 1 a 270.

enunciação, “na atualidade”. Em cada uma delas, o trabalho é qualificado de modo singular: na relação com o tempo marcado no texto concomitante à referência a cada um dos fragmentos da coletânea. Estão, portanto, presentes, na organização do texto do exemplo (1), dois movimentos: um, que se constitui entre as temporalidades marcadas no texto, e outro, que se manifesta nos modos de adjetivação do trabalho em relação direta com cada temporalidade. Essa organização é resultante do modo como o escrevente lê e compreende os fragmentos e instrução da prova de redação. A partir dessa interpretação, ele toma cada um dos fragmentos da coletânea como uma questão a ser respondida e privilegia um dos fragmentos, no caso, o terceiro, que trata do trabalho de arte.

Como se pode observar, o escrevente qualifica o trabalho, de modo geral, com uma adjetivação avaliativa e axiológica: “exploração maciça”, “é explorada brutalmente”, “é um equívoco terrível”. O escrevente depreende o PDV do enunciador do segundo fragmento, inserido na redação por meio da adjetivação, mas não se solidariza com ele, pelo contrário, no modo de adjetivar, expressa um tom de denúncia, contrapondo o PDV do fragmento ao dele, dado pela valoração do trabalho de arte, como demonstra a adjetivação presente no terceiro parágrafo e destacada em negrito no exemplo (2):

- (2) 3º § Ademais, podemos inspirarmo-nos no **trabalho artístico** no qual, muitas vezes **árido e sofrido**, há uma **entrega descompromissada** e uma **paixão propulsora** [...]. Com sua **grandeza final**, [...] é **capaz** de fazer com que o sofrimento e a dureza do trabalho [...] seja esquecido e apenas se note a sua formosura (R079, grifos meus).

No exemplo (2), é introduzido um enunciador que hierarquiza os trabalhos e coloca o de arte no topo dos melhores tipos de trabalho. A qualificação do trabalho de arte contrapõe-se aos demais tipos de trabalhos, tratados, no terceiro parágrafo com proposições negativas. Pode-se notar como o trabalho de arte é enaltecido e, apesar de também passar por um processo “árido e sofrido”, como os demais tipos de trabalhos, gera paixão. Além disso, esse enunciador introduz o PDV que valoriza o trabalho de arte não só por meio da adjetivação, mas também pela carga positiva que carregam alguns substantivos e verbos, todos importantes para a construção do PDVD no texto, resultando na representação social do trabalho de arte como aquele que traz prazer e não sofrimento, conforme confirma a adjetivação em um trecho do parágrafo conclusivo:

- (3) [...] o trabalho artístico pode levar-nos aos mais **belos prazeres**. (R079, grifos meus).

Na conclusão da redação, o trabalho de arte é qualificado como o “salvador”, ao ser introduzido um enunciador que o valoriza, porque ele proporciona prazer e não sofrimento e dureza, como os demais tipos de trabalho. A valoração do trabalho de arte – constituída por meio de adjetivações, prevalece na totalidade do *corpus*, principalmente nos parágrafos conclusivos. Essa representação se apresenta de diferentes modos: é aquela que o relaciona ao prazer, à felicidade, à realização, à notoriedade, à beleza, à liberdade, estabelecendo um tom eufórico bastante recorrente nas redações, conforme se observa nos exemplos, a seguir:

- (4) Porém, não existe apenas o “trabalho sacrifício”, e sim também, o trabalho prazeroso, como é o caso do trabalho artístico. (R226);

- (5) O trabalho-prazer não se trata realmente de um emprego. É uma realização que vai muito além de receber o seu salário. É a sensação de ver um aluno formado, um contrato fechado, a estatua de David terminada. (R229).

A qualificação positiva do trabalho de arte também é projetada para o trabalho de modo geral, em que o escrevente julga necessário que todo trabalho seja como o de arte, exemplos (6) e (7):

- (6) Que ele [o trabalho] traga mais beleza à vida, como o trabalho dos grandes artistas [...]. (R023).
- (7) Sem negar seus benefícios como capital e posição social o trabalho de todos, operários, advogados,... deveria ser como o dos artistas. (R116).
- (8) Muito preconceito é encontrado no trabalho também. Músicos, artistas plásticos, filósofos são muitas vezes desmerecidos e rebaixados. [...]. Médico, música ou pedreiro, todos são dignos e possuem a mesma importância perante a sociedade (R221).

Essa projeção também se mostra presente na necessidade de transformação do trabalho exploração para o trabalho prazer:

- (9) Portanto, de ocorrer uma mudança no atual sistema econômico e o homem não precise mais vender seu trabalho para sobreviver, sobrar tempo para que se dedique às artes. Teremos, então, uma sociedade com as máquinas trabalhando e o homem pensando (R036).
- (10) A libertação de um trabalho embrutecedor no atual estágio das forças produtivas isso é possível, para que o homem possa desenvolver suas habilidades mais sublimes e todos tenhamos tempo para criar e admirar obras como “David” de Michelangelo (R154).

Conforme se pode observar, as adjetivações, nos exemplos (1) a (10), direcionam a argumentação para a construção de um PDVD, e revelam as representações sociais do trabalho de arte. Há, ainda, uma representação social do trabalho de arte que merece destaque tanto pelo modo contundente de ser em relação às demais, como pela baixa ocorrência na totalidade do *corpus*, (2%). Trata-se da desvalorização do trabalho de arte, tendo como eixo dessa qualificação o sustento, a sobrevivência, como no exemplo (11):

- (11) Por conseqüente temos o trabalho artístico e social, no qual quem realiza-o não necessita se manter, ou alguém que não teria condição de realiza-lo provém outra para que o faça. Nas duas formas o que difere é a razão (necessidade) de o fazer. Ou por simples ocupação do tempo, por já ter sua subsistência garantida. (R217).

No próximo exemplo, (12), o enunciador expressa um tom irônico presente já ao enunciar o título da redação – “Tudo em nome do progresso!” –, mas que se tornará mais evidente no desenvolvimento da redação, por meio de um modo particular de qualificar o trabalho de arte. Esse modo diferenciado de qualificar o trabalho de arte é construído pelas escolhas linguísticas que o escrevente faz ao assinalar, em seu texto, elementos qualificadores articulados com o uso de uma pontuação singular – aspas e exclamação:

- (12) O que antes vinha em nome do progresso, passou a regredir: [...]. A modernidade que outrora era para facilitar a vida, tornou-se a “catraca” de exclusão social. [...]. E o “trabalho” que os poucos detentores de riquezas fazem “em nome da arte”, é chamado de precioso! Podem ser considerados impressionantes os valores a que o mundo chegou: de um lado, massas esforçam-se para sobreviver; e de outro, os considerados imprescindíveis para a evolução da espécie esboçam rabiscos e projetos irrelevantes, que são considerados trabalhos de arte (R147).

Como se observa nos exemplos (11) e (12), a representação social do trabalho de arte, revela a ideologia em que se atribui poder de sustento somente aos trabalhos que não são trabalhos de arte, sendo este reservado apenas ao lazer, ao prazer e, neste caso, sendo visto como *hobby*, traduzindo o artista como vagabundo e sempre sustentado por outro trabalhador não artista, trazendo à tona um discurso preconceituoso, que também circula no senso comum.

De modo geral, como visto na análise, no diálogo com o terceiro fragmento a representação social do trabalho de arte que prevalece na totalidade do *corpus* é a da sua valorização. Essa representação mostra um jogo de posicionamentos, em que, por um lado, o escrevente constrói imagens de si, mostrando-se como alguém que valoriza a arte, de modo geral; e, por outro, imagens de seu interlocutor privilegiado, formadas com base no que a arte poderia representar para ele, na qualidade de corretor e de representante da Universidade. No interior desse jogo de representações, ou até mesmo em função dele, a carga subjetiva é bastante significativa, pois está em jogo a construção de uma posição-sujeito em que um PDV é dominante, o da valorização do trabalho de arte. Trata-se de uma posição enunciativo-discursiva, porque o escrevente necessita mostrar um *eu* que sabe, que é escritor competente, que sabe argumentar para um *outro*, o *eu-leitor*, o examinador, para se deslocar da posição de um *eu-candidato* para um *eu-universitário*. Essa construção se realiza discursivamente por meio das imagens construídas pelo escrevente. São imagens representadas, mas que não deixam de ser imagens construídas como resultado da relação amplamente dialógica que permeia o gênero *redação de vestibular*.

Considerações finais

As adjetivações presentes nas redações, avaliativas e axiológicas, revelam os valores sociais, culturais e, portanto, ideológicos presentes nas representações sociais do trabalho de arte. Essas representações evidenciam a posição do escrevente sobre esse trabalho de arte: quer mostrar-se um sujeito que valoriza o trabalho de arte, uma vez que para ele, é esse trabalho que é valorizado pela instituição que o avalia. Os resultados mostram que o exame vestibular, concebido como um evento de letramento, comprova as relações dialógicas determinadas por uma situação de produção que é regulada socialmente. Revelam também que o escrevente, na interação com o texto e com seu outro/Outro, constrói representações sociais do trabalho de arte articuladas com a construção do PDVD no texto, apoiando-se discursivamente em suas práticas de leitura e de escrita, incluindo nestas, o modo como lê e interpreta os enunciados da prova de redação, neste caso, principalmente o do terceiro fragmento.

Na totalidade do *corpus* analisado, a valorização eufórica do trabalho de arte, depreendido em diferentes representações sociais, atinge o índice de 59,3%. O que permite dizer que o discurso que prevalece nessas redações é o de que o melhor trabalho é aquele que traz prazer, que não exige esforço braçal. Em outras palavras, repudia-se o trabalho-exploração, alegando a necessidade de mudanças nas relações de trabalho. O desejo que circula nas discussões sobre o trabalho no mundo contemporâneo é o da necessidade de se trabalhar no que gosta, uma vez que, na sociedade atual, não se pode deixar de trabalhar. Trata-se de um discurso cristalizado e que não reflete as reais necessidades de mudança do poder capitalista, que visa ao lucro incondicionalmente. Considerando que o discurso

do vestibulando dirige-se à banca corretora, que avalia a sua criticidade, pode-se dizer que seu discurso era o esperado, isto é, criticar as mazelas do capitalismo que explora o trabalhador, mostrando-se um cidadão consciente. Seu discurso incide sobre uma valorização exacerbada do bem e do belo, visto pelo viés do prazer no/do trabalho, em que o escrevente procura passar a imagem de um bom cidadão, que valoriza o bem, a justiça no trabalho e a necessidade do trabalho-prazer.

A representação social não está desligada do imaginário, que, por sua vez, traz consigo diferentes visões de mundo, diferentes posicionamentos. Não está desligada, portanto, das representações que são construídas no jogo enunciativo-discursivo construído pelo escrevente é, assim, um fazer-se representar no texto, representar-se para alguém e de um certo modo. Essas construções são resultados das relações sociais, do desempenho de um papel social do escrevente. Destaca-se, dessas representações, o modo como o trabalho de arte é avaliado e qualificado pelo escrevente, revelando seus valores e crenças, bem como seu trabalho com a linguagem.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de estudos linguísticos*. Campinas-SP, v. 19, p. 25-42, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 279-326.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FUVEST. *Manual do Candidato*, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Le discours littéraire: paratopie et scène d'énonciation*. Paris: Armand Colin, 2004.

_____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 3. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1990a. p. 163-252.

_____. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.) *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel

Pêcheux. Campinas-SP: Unicamp, 1990b.

RABATEL, Alain. Les postures énonciatives dans la co-construction dialogique des points de vue: coénonciation, surénonciation, sousénonciation. In: BRES, Jacques et al. COLLOQUE DE CERISY, 2004, Cerisy-la Salle, *Dialogisme, polyphonie: approches linguistiques*, Bruxelles: Duculot, 2005, p. 95-110.

_____. L'effacement énonciatif dans les discours rapportés et ses effets pragmatiques. *Langages*, n. 156, Paris, Larousse, p. 3-17, 2004.

VOLOCHINOV, V. N. (BAKHTIN). *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, [s.d.] [1926]. Texto de circulação acadêmica, mimeo.

ANEXO

REDAÇÃO

Texto 1

O trabalho não é uma essência atemporal do homem. Ele é uma invenção histórica e, como tal, pode ser transformado e mesmo desaparecer.

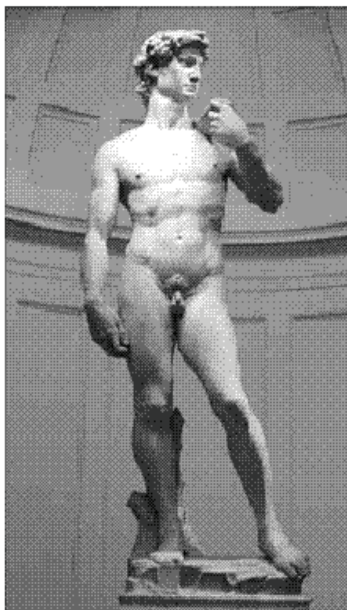
Adaptado de A. Simões

Texto 2

Há algumas décadas, pensava-se que o progresso técnico e o aumento da capacidade de produção permitiriam que o trabalho ficasse razoavelmente fora de moda e a humanidade tivesse mais tempo para si mesma. Na verdade, o que se passa hoje é que uma parte da humanidade está se matando de tanto trabalhar, enquanto a outra parte está morrendo por falta de emprego.

M.A. Marques

Texto 3



O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida. Em 1501, Michelangelo retorna de viagem a Florença e concentra seu trabalho artístico em um grande bloco de mármore abandonado. Quatro anos mais tarde fica pronta a escultura "David".

Adaptado de site da Internet

INSTRUÇÃO: Os três textos acima apresentam diferentes visões de trabalho. O primeiro procura conceituar essa atividade e prever seu futuro. O segundo trata de suas condições no mundo contemporâneo e o último, ilustrado pela famosa escultura de Michelangelo, refere-se ao trabalho de artista. Relacione esses três textos e com base nas idéias neles contidas, além de outras que julgue relevantes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando sobre o que leu acima e também sobre os outros pontos que você tenha considerado pertinentes.